

J.101FH

COMPRA

AZULEJOS

Semanario illustrado de Sciencias Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.ª
LISBOA


Officinas d'Impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 6:000 exemplares


Segunda-feira, 15 de Junho de 1908

OS NOSSOS

Brindes semanaes
Aos assignantes e annunciantes

2.500\$000 

ou

 1.200\$000

por um vintem!

Começa hoje o sorteio dos brindes semanaes distribuido **EXCLUSIVAMENTE** aos nossos **ASSIGNANTES** e **ANNUNCIANTES**,

Para isso divide-se o total dos numeros de cada loteria pelo total dos nossos **ASSIGNANTES** e **ANNUNCIANTES**, cabendo a cada exemplar do **AZULEJOS** uma porção avultada de numeros, entre os quaes ha de **FATALMENTE** estar contido o da **SORTE GRANDE**, que será premiado com um decimo para a loteria seguinte.

O possuidor do **AZULEJOS** que tiver o numero da **SORTE GRANDE** de 20 DE JUNHO deve, depois de n'elle ter **INSCRITO O NOME E MORADA**, entregar-o n'esta redacção afim de não haver extravio, ou enviar-o em **CARTA REGISTRADA, ATE AO DIA 25**, onde receberá em troca o respectivo **DECIMO**.

O primeiro decimo para a loteria de 27 de junho, tem o numero



Ribeiro de Carvalho

3863

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, L. M. LILLY, succes-
sor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem
as noras e os moinhos de vento, L. M. Lilly Suc-
cessor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, —D. Lisboa.

A. P. FERRAZ
Chapeus para senhora e creanças
RUA DO OURO, 231
(Primeiro quartelão vindo do Rio)

Grande Deposito

DE
MOVEIS DE FERRO

Colchoaria

DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.ª e 2.ª Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e letras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

500 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

700 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte de 200 réis.

O CONCURSO ARTISTICO DO "AZULEJOS"

BASTA COLLECIONAR

20 MASCARAS ILLUSTRAS

das publicadas nas tres series do nosso semanario, podendo até serem eguaes, enviando-as até ao dia 20 d'agosto.

Premio para o maior numero de collecções

UM COUPON DE 100\$000

Offerecido pela Administração do AZULEJOS

BREVEMENTE ANNUNCIAREMOS O PREMIO DA COLECCÃO MAIS ARTISTICA

MAIS UM VALIOSO PREMIO DE 1.^a QUALIDADE

Um colchão d'arame, montado em pitch-pine á medida da cama que o premiado desejar e perfeitamente egual aos que estão expostos á venda em casa do offerante, Ex.^{mo} Sr. JOSÉ GODINHO, 54, P. dos Restauradores, 56.

LISTA DOS PREMIOS

- 1.^o—Um par de estatuetas terre cuite com pintura, imitação de marfim, offerta do Ex.^{mo} Sr. Eugenio Costa, proprietario do Gato Preto, R. de S. Nicolau, esquina da R. do Crucifixo.
- 2.^o—Um almofadão desenhado á penna, offerta e trabalho da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria do Céu Beça, nossa illustre collaboradora.
- 3.^o—Uma pintura a oleo, pelo Ex.^{mo} Sr. João Bastos, um dos nossos directores artisticos.
- 4.^o—Uma almofada bordada a seda, offerecida e bordada pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonia Paz Lopes.
- 5.^o—Um quadro grande com a photographia do Rei D. Manuel II, trabalho e offerta do Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes, nosso illustre collaborador.
- 6.^o—Um tinteiro feito em sola, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria d'Oliveira.
- 7.^o—Um estojo com uma escova em prata, offerta do Ex.^{mo} Sr. Julio de Mattos.
- 8.^o—Uma machina d'escrever.
- 9.^o—Um porta jornaes bordado —pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelina Lapa Rodrigues Garrana.
- 10.^o—Uma faca para cortar papel, com lamina de marfim e cabo em prata dourada, estylo arte nova, offertado pela ourivesaria Jannuario e Mourão, 86 a 88, R. da Palma, 92 a 92 A.

(Continúa)

COMPRA



FLORES

*Semanario illustrado
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officina d' impressão e composição
A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
15 DE JUNHO DE 1908

condições de assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NÚMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs
Colonias..... 400 »
A cobrança pelo correio é augmentada
de 60 réis.

Tiragem 6.000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



No penultimo domingo realisou a Sociedade Propaganda de Portugal uma batalha de Flores na Avenida da Liberdade.

Não me perdi por lá, mas não faltou quem me segredasse ao bichinho do ouvido o fiasco immenso da tal pseudo batalha em honra dos Congressistas Telegraphicos.

A formosa Avenida esteve apinhada de mirões que de ventas no ar como bons perdigueiros, farejavam uma rapioca á borla, com musicas, muitas flores e immensas meninas namoradeiras, embrulhadas em tartalana muito fresquinha, bisbilhoteira, transparente e a fazer comichões aphrodisiacas nos olhos da gente.

A' noitinha tudo regressou de nariz cahido despejando imprecacões contra o senhor Mendonça e Costa e, quasi com ideias *dynamiticas* para a Propaganda que, vistas as coisas, alguma utilidade presta á nação.

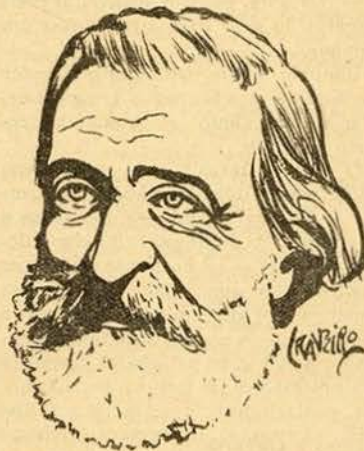
A minha tia Briolanja, aquella minha velha amiguinha de quem já lhes tenho fallado, fez parte da massa curiosa e no regresso entrou no grupo dos narilongos.

Coitadita, vinha assanhada como uma barata!

O caso não era para menos!

Ter envergado a sua farpellinha domingueira, ter um trabalhão insano para collocar o casquete e fazer um laço artistico nas competentes fininhas de seda preta que atam logo abaixo do mento, para depois de tudo assistir a uma pipineira completa, roçando pelo enterro do bacalhau!

Mascaras illustres



Giuseppe Verdi

Se observassem a cara enjoada com que entrou em casa e o olhar que me lançou quando ao abrir-lhe a porta perguntei ansioso:

— Então?!...

— Então o quê?! — redarguiu ella.

— A batalha das flores?!

— A batalha dos fedores, diz antes...

— Dos fedores?!...

— Sim; o que por lá havia era cheiro a sovaquinho e a proximo.

Flores, qualquer cesto de florista lhes levava a palma!

— E trens enfeitados?!

— Uma penuria! Meia duzia d'elles com duas alfases nas cabeçadas dos cavallos e umas sanefas de papel pregadas aos lados!

— Ora essa! — exclamei espantado.

— Não calculas! Qualquer loja de salchireiro pela semana santa lhes levava a palma. Ridiculo, meu filho, simplesmente ridiculo! Dava ideia da ornamentação d'um baile campestre em vespera de Santo Antonio! O jury viu-se grego para saber a quem conferir os premios... Por fim fechou os olhos e... deu ás cegas.

— Tive o palpito de que ia succeder desastre.

Mediu-me d'alto a baixo e voltou á carga:

— E' escusado teimarem. Batalhas de flores e corridas de cavallos, não pegam em Portugal.

— Isso sim!

— E' certo. Os brutos heterogeneos não se querem uns com os outros.

— Não é isso, tia Briolanja! Pega tudo desde que não entre em campo a exploração. Ora sendo a batalha de flores uma funcção feita pelos concorrentes e não pelos seus organisadores, comprehende-se rapidamente que não se pode levar coiro e cabello ao festeiro que já gastou dinheiro para enfeitar o seu trem, automovel, bicyclete, etc. e ainda em comprar as flores.

— Talvez tenhas razão.

— Tenho com certeza... Ponham entradas baratinhas e verão como o numero de batalhadores augmenta. Deram dez horas.

A tia Briolanja agitou a campanha e a creada serviu-lhe o Chá e Torradas.

JOÃO REVOLTA.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

O maior Conservatorio de Musica do Mundo

E' o de Boston, nos Estados Unidos da America do Norte.

Logo ao entrar, caí em plena aula d'opera. Um italiano, *il signor Bimboni*, homenzinho baixo, de cabelleira revolta e mal cuidada, tipo symbolico dos *maestros* do seu pais, criatura exuberante e demonstrativa, acompanhava, ao piano, um aluno loiro, magro, esgrouviado, portador de uma riquissima lunêta com aros d'oiro; este jovem aprendiz de cantor executava com voz fanhosa e pouco brilhante, arias, cavatinas, *romanzas* e outros variadissimos trechos d'operas de Verdi. Só Verdi, sempre Verdi! O professor estimulava-o briosamente, fazia esforços inauditos para lhe insuflar vida, calor e diga-se a verdade, lá ia conseguindo que o rapaz cantasse cada vez peor.

Junto á parede vi um palcozinho, de exiguas dimensões, onde, quando muito, poderiam mecher-se três personagens. Neste teatrinho e sobre um tamborête dormiam: um capacete de pasta, uma espada de pau e um dominó azul, velho, desbotado e rôto.

Vêr-me e entregar o loiro esfôla-Verdi aos recursos da propria e estranha vocalização, foi para Bimboni obra dum momento. Desandou como um tufo, pelos meandros do estabelecimento, arrastando-me como se eu fôra um grão de poeira voando ao sabor das lufadas da sua amavel cortezia de *cicerone*.

Com aquêle requinte d'amabilidade piégas que é peculiar aos italianos e que ás vezes faz (de certo sem razão) que desmereçam um pouco no conceito dos homens doutros paizes, Bimboni, fez-me percorrer, desenas de corredores e entrar em grande copia d'aulas. Mostrou-me, com orgulho, a enorme quantidade d'orgãos, harmonios e pianos que existem no estabelecimento. Viam-se em tôda a parte; eram, pelo menos, cem. Nem sabiam onde metellos. No angulo dum corredôr lembrome têr visto três pianos empilhados, como sardinhas *de tempo* em barrica apropriada.

As aulas de piano são numerosas; dirigem-n'as dezoito professores, vendo-se dois instrumentos em cada classe, isto sem falar na enorme quantidade de pianos desmontados que jazem para ali. Aos cantos das casas, amontoam-se muitos kilometros de cordas metalicas, centos de teclas, martelos, sacos de camurça, parafusos, pregos, chaves, chavinhas e chavêtas!

Para quê? Porquê?

— Ah, meu amigo, nesta terra o ensino é essencialmente pratico. E', necessario que o aluno conheça a estrutura intima do instrumento que toca. Que saiba desmontal-o, montal-o, afinal-o e concertal-o, se necessario fôr. Ha por ventura ciclista perfeito que não conheça os segrêdos estruturales da sua maquina?

Contei, percorrendo varios salões, dôze grandes orgãos de canudos e mais um, enorme, grandioso, imenso, apocalitico.

— Onde ha conservatorio de musica que abrigue em seu ventre sonoro tão grande numero d'orgãos? — gemeu Bimboni aos meus ouvidos.

— Repare, continuou o *maestro* num *crescendo molto animato*, são todos movidos por electricidade. O ar depois de percorrer o predio e exercêr a ventilação natural, é apanhado, preso, comprimido por aparelhos engenhosos e especiaes, actuando por fim nos fôles dos instrumentos!

— Oh! exclamei.

— Entre! — disse Bimboni, num *stacato* que me impressionou, e abriu uma porta. Lá dentro, um negro jovem e simpatico esgrimia (é o termo) a sua lição a beneficio de muros e sapatadas em teclas grandes como portas de cavalariça de casa rica. Noutro salão vi uma donzêla amarela como uma fôlha d'arvore tocada pelos rigôres do outono, entregar-se ao mesmo trabalho, mas com menos ardor.

Estes dois alunos suavam como bois atrelados a arado arroteador de terra dura, o que me levou a dizêr ao meu guia, em *adagio*, já se vê, para êle se não zangar:

— Os snrs. podiam aproveitar estas cascatas de suor para fazer mover um dinamo...

Bimboni fingiu não comprehender e enfiou-me nos timpanos, em *andante*, a aria que, como um gramofone, re-vêrto ao leitor:

O conservatorio tem 80 professores; 18 de piano, dois d'orgão, 14 de canto, 4 d'opera, de mimica, de dansa e d'esgrima; 3 de linguas (italiano-allemao-francez) — o professor de francez é allemão o que, aliás é corrente na America — 5 de violino, violoncelo e contra-baixo de corda; 8 de instrumentos de metal e de palheta; os restantes são professores de rudimentos, harmonia, contraponto, fuga, literatura, historia, expressão, interpretação artistica e desenvolvimento da voz falada.

Professa-se alem disso, naquele estabelecimento, um curso misto de *jornalismo musical, critica e literatura musicas*. Este curso, diz o programa, compreende o estudo e conhecimento geral de todas as obras primas do repertorio classico, conhecimento pratico dos instrumentos d'orquestra e seu uso nas obras mudernas; compreende as diversas escolas de composição e tecnica da execução; exercicios praticos de critica e rotina de trabalho jornalístico.

(Continua)

J. H.

ESPIRITISMO

O caso «D'identidade Espirita» do Chateau Nirvana

PAU, 19 DE MAIO DE 1906

Sr. Dr. Richet.

(Conclusão)

O que precede foi-me relatado por M. e M.^{me} Speakman por occasião da visita que lhes fiz em 12 d'abril ultimo, entregando-me M.^{me} Speakman a caderneta, cujos dizeres vou copiar:

Pergunta: — A. (Maria) pôde aqui *Resposta*: — Conservai-vos sempre com a mesma fé!

P. — Dizei o vosso nome.

R. — Por elle me chamaste; não soffro já.

P. — Mas sois A. (Maria)?

R. — Sim.

P. — Dai uma communicação para vosso marido.

R. — Brevemente lhe virei fallar. Dizei-lh'o da parte de sua pequena Maria.

P. — Qual é o nome de vossa filha?

R. — O meu nome; mas para mim será sempre a pequerrucha Amada.

P. — Dai então uma prova para vosso marido.

R. — Cumpril-o-hei, palavra; elle saberá.

P. — Mas dai-lhe como prova um facto conhecido sómente de vós dois.

R. — (Depois de um longo silencio): lembrai-lhe o meu sonho.

P. — Um sonho recente?

R. — Sim.

P. — Onde tivestes esse sonho?

R. — Em casa de minha mãe.

P. — Depois que nasceu vossa filha.

R. — Não, antes.

P. — Que é que sonhastes?

R. — De mim mesma.

P. — Dizei com precisão.

R. — Tudo é muito mais facil de comprehender do que me parecia n'este sonho. Separação, uma falsa ideia.

P. — Estai-vos referindo ainda ao vosso sonho.

R. — Sim; mas era falsa a ideia de que nos separariamos.

Deve notar-se que até este dia M.^{elles} Mac-Cance e Dobson sempre obtiveram suas communicações «em inglez», sua lingua materna, e a presente foi dada em francês; que aliás comprehendem e fallam bem.

A caderneta menciona depois a suspensão rapida da communicação.

Além disso tenho em meu poder um relatorio assignado pelas quatro pessoas presentes, certificando a exactidão do que se procede.

M.^{me} Speakman informou-me tambem em seguida, que esta «communicação» tinha sido immediatamente transmittida ao marido da finada, que elle

¹ M.^{me} Draper Speakman assegurou-me, que a finada, diferentemente de seu marido, não espirita.

Modas e Confeções

tinha logo respondido, contando o sonho de que se trata, e que essa resposta estavam na mão de Mac-Cance e Dobson.

Pouco depois, chegava o correio para M.^{me} Speakman, e entre a correspondência vinha a referida carta, que Mac-Cance e Dobson devolviam.

Transcrevemos d'ella a passagem seguinte :

10 de Abril de 1906.

«Meus bons amigos, acabo de receber a vossa, ficando muito commovido. A menina chama-se I... Maria... d'onde uma inexactidão. (Se bem que a mãe era Maria, e a menina tem esse nome em segundo lugar).

«Faz duas semanas, tendo eu ido passar dois dias em... de regresso, Maria disse-me : «Na noite passada tive um pesadello medonho, horrível, que muito me fez soffrer. Sonhei que estava separada de ti para sempre, havia entre nós como um immenso vácuo, não sei quê, que eternamente nos separava. Não te auzentes mais, dize, não me deixes mais; tenho medo d'uma desgraça». Deveis presumir a minha emoção ao lér a vossa carta. . . »

«Talvez se notasse, que segundo a «comunicação» o sonho se attribuia a data anterior ao nascimento da creança, e segundo a carta do marido, elle teve lugar *d'após* d'esse nascimento, pois parecia-lhe ter-se dado 15 dias antes da data d'essa carta (10 de abril), tendo a creança nascido um mez antes da morte da mãe (4 d'abril).

M. e M.^{me} Speakman affirmaram-me não terem apontado ao marido da finada esta discordancia.

Ora em 4 de maio, este escreveu-lhe espontaneamente : «Disse-vos que o sonho era exacto, mas quanto á data commetti um erro; hoje as minhas reminiscencias são mais precisas. Foi antes do nascimento da menina que Maria teve o sonho. Foi na vespera do parto que ella m'o contou.

Emfim, n'uma outra carta de 8 de maio, elle nos refêre a *emoção profunda* de sua mulher, ao contar-lhe o seu *pesadello terrível*, accrescentando que ella ficou *angustiada*, causando um verdadeiro susto aos que a cercavam.

Tal é o facto. Por mim limito-me a attestal-o, deixando aos mais competentes o cuidado de o commentar. Queira aceitar, caro doutor, etc.

O enfermeiro de Tátá

POR

Edmundo de Amicis

Principiou então a animar-se e a ter esperança : e suppondo que era comprehendido, embora confusamente, falava-lhe muito da mãe, e dos irmãos pequenos, da volta para casa, e exhortava-o com palavras ternas e amorosas para cobrar animo e alento : e posto que, muitas vezes duvidasse de ser

realmente comprehendido, fallava-lhe sempre, porque lhe parecia que embora o doente o não entendesse, escutaria apezar d'isso com prazer a sua voz repassada d'uma entonação desusada, affectuosa e triste.

E assim passara o segundo dia, o terceiro e o quarto, ora apresentando o doente ligeiras melhoras, ora peorando repentinamente ; e o rapaz, sempre ali, e por tal modo absorto nos seus cuidados que apenas tomava duas vezes no dia uma fatia de pão e um bocado de queijo, que a irmã da caridade lhe levava, e nem dava fé do que se passava em torno ; nem dos enfermos moribundos, nem do correr inesperado das irmãs, de noite ; nem do pranto e actos de desolação dos visitantes que saíam sem esperança ; não attendendo emfim a nenhuma d'essas scenas dolorosas e lugubres da vida d'um hospital, que em qualquer outra occasião o teriam aturdido e horrorizado.

E iam-se passando as horas e os dias, e elle sempre ao lado do seu *Tátá*, attento, solícito, estremecendo a cada suspiro, a cada olhar, agitado, sem repouso, opprimido entre uma esperança que lhe consolava a alma, e um desanimo que lhe apertava o coração.

No quinto dia o doente peorou repentinamente.

O medico, sendo interrogado, abanou a cabeça, como quem queria di-

zer que estava tudo acabado, e o rapaz deixou-se cair sobre uma cadeira chorando e soluçando.

E, comtudo, uma coisa o consolava... Parecia-lhe que o doente ia lentamente readquirindo um pouco de intelligencia apezar do prognostico do medico.

Encarava-o agora mais fixamente, e com uma expressão cada vez mais pronunciada de doçura ; não queria beber, nem tomar remedios que não fossem ministrados por elle, fazia mais amudadamente um movimento forçado de labios, como se quizesse pronunciar uma palavra ; e ás vezes, com taes contracções o fazia, que o pequeno segurava-lhe o braço com força e embalado por uma doce e repentina esperança, dizia-lhe com meiguice, quasi alegre :

— Coragem ! coragem, *Tátá* ! Has de ficar bom, iremos abraçar a mamã, vamos ! animo !

Eram quanto horas da tarde, justamente no ponto em que o rapaz se entregava a um d'aquelles impulsos de ternura e de esperança, quando, ouvindo para lá da porta mais proxima da enfermaria, um rumor de passos, e logo em seguida estas palavras :

— *Até á vista, irmã !* — deu um pulo, e soltou um grito meio estrangulado na garganta.

(Continúa)



TARDE...

Já tarde, sentirás talvez, um dia remorsos, e qu'rerás, mas já em vão fazer reanimar um coração que tanto te amou, tanto te queria.

Já tarde buscarás—quem tal diria—que de ti sintas pena, compaixão; que já não poderá meu peito então sentir o mesmo amor que antes sentia.

Quando eu te confessei, apaixonado, sincero e puro amor, fui despresado por ti, não crêste esta alma, tão sentida.

Já tarde irás bater á minha porta... mas tarde... que talvez já seja morta a essencia d'este amor: a propria vida.

H. A. B.

COMEDIANTES

VIII

Angela Pinto

A arte de Angela é filha da vibratilidade dos seus nervos.

Não conheço artista que melhor viva dum permanente desequilíbrio fisiológico. D'aquí o não admirar que as suas interpretações pequem por falta de unidade.

Angela deve o papagueado do seu nome a um couplet rítmado pelo oscillar das palpebras viciosas.

Fez-se artista ao emprestar o seu sentimento natural a uma prostituta legalizada.

No couplet desnutiu a arte genérica. Na exteriorização d' A Severa deu-nos a femêa incompreendida por uma sociedade convencional.

A sua Zarz, é gêmea da sua individualidade inconfundível. É a sua autobiografia artistizada. Pierre Berton, adivinhou-a, prevendo-lhe a compreensão exacta.

Creio que Angela Pinto, jamais respeitou um preconceito.

É esse o seu elogio. É comediante por isso mesmo.

A intelligencia nativa de mulher educada impõe-n'a aos que se demoram no seu convívio. Se tivesse sido orientada scientificamente não desperdiçaria o talento em quixotescas proezas a sanchos-paludinos. Assim a vida gasta-se-lhe em generosidades mal distribuidas, em vez de só atentar na arte que a elevaria alto, tão alto, que as suas collegas pasmariam da discussão feliz.

MARIO LAGE.

No proximo numero publicaremos o elogio — critico do actor Ferreira da Silva.

MUSA NOVA

II

Não insistas, Senhora, em que te leia os versos que rimei antes de amar-te: Pesar-me-ia immenso o contristar-te narrando-te tão lubre odisseia.

Ódio cantei em rima brusca e feia — perdôa, talvez vá melindrar-te — mas... té blasfêmias disse em grande parte...

Cêde portanto a tão injusta ideia.

Depois, se és hoje tu, gentil Senhora, o meu idolo santo e redentor, a minha musa nova, audaz, sonora,

vou ser decerto um inclito cantor. Que de carmes terás de ler agora! Que de versos farei, cantando o amor!

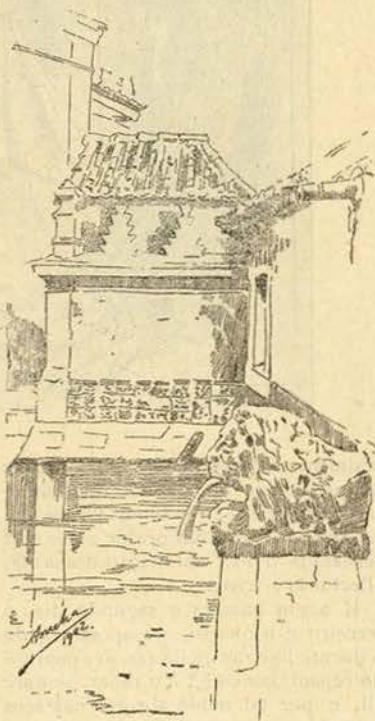
Porto

NAPOLÃO GONÇALVES

Postaes
illustrados

Berto o album—que esplendor! que harmonia de linhas e de côres! Quadrilongos, graciosos, dispostos artisticamente na pagina golpeada que os emoldura, uns representam, n'uma leveza de aguarella, a perspectiva esmeraldina de uma pay-

PORTUGAL PITTORESCO



UM TRECHO DO PAÇO DE CINTRA

Desenho de S. M. a Rainha D. Amelia

sagem com pontes e castellos, ceifeiras e cavadores, auroras e soes-poentes; outros, na doçura velutina do postal, fronte encantadoras de virgens nubis coroadas de rosas, cabecitas esveltas de *grisettes* enfloradas de fitas e de plumagens multicores; n'outros ainda — carvões — esboços a traço largo e vigoroso, scenas das ruas á sombra dos palacios e das cathedraes, perfis de degenerados na penumbra dos alcouces e dos lupanares-lagrymas regando as taboas das man, sardas, gritos angustiados de martyres: em tudo isto a Vida.

Dar-me-hão tintas para as scenas rusticas as paletas cheias de sol de Breton e Silva Porto, para as graciosidades d'amôr a de Wateau, para os quadritos de genio as de Morales e Malhõa, para a *charge* ou o ridiculo

as de Gavarni ou do exilado Leal da Camara, para as grandes aspirações sociaes o claro azul de Millet e de Rousseau e, emfim, para as minhas meditações e melancholias os crepusculos mysticos do supremo Corot.

Creanças, moços, virgens, mães, velhos: n'este album encontrareis beijos, sorrisos, consolações, parabolias, angustias, enigmas e... quem sabe! talvez a vossa vida.

Abri-o.

Primeiro Amôr

O artista n'um fremito impulsional de inspiração havia desenhado carinhosamente a cabeça loira, quasi infantil de Irène. Ella não o soubera. A uns vinte passos talvez, sob os loireiros gigantescos que sombreavam o saibro doirado do parque e beijavam, n'um borboletear de azo, os marmores das estatuetas de Venus e de Pallas, Irène, entre um grupo de mancebos e secias que jogavam um innocente jogo de prendas, sorria no deslumbramento candido dos seus desasseis annos e da sua belleza inexcêdível e divina...

— O que se ha de fazer ao dono ou dona da prenda que está para sahir?

— Tirar o lapis com que desenha Julio — disse uma condessita pávida, fitando através o *lorguon* o busto elegante do moço artista.

Sahiu um anel de opalas e brilhantes.

— Irène! Irène! — bradaram as boquitas vermelhas d'aquelle grupo galante.

Ella ergueu-se tremula, e encaminhou-se para o artista. Os bandós loiros desprendiam-se do penteador e iam beijar-lhe em sedosas e provocantes espiraes os hombros nus.

De branco, como um anjo, todos os olhares a envolviam meigamente, anciosos; e quando Julio viu a virgem aproximar-se, sorriu, acabou de dar ainda o ultimo toque e ficou esperando, a mão que produziu a obra-prima abandonada ao lado do corpo.

— Senhor, disse ella, os olhos no chão, tímida, — sereis capaz de me emprestar o vosso lapis? — e logo: Que estaveis desenhando?

— A imagem que me perfuma o coração. Eil-a!

Irène reconheceu na folha de *cavalinho* o seu perfil grego, nobre e suavissimo; e o artista disse-lhe baixinho uma phrase, uma harmonia, um poema que a confundiu, levando-lhe á face o rubor peregrino, enleio brando do seu primeiro amôr.

— Sr. Julio: não mostre a mais ninguém... guarde para si só... Amo-o!

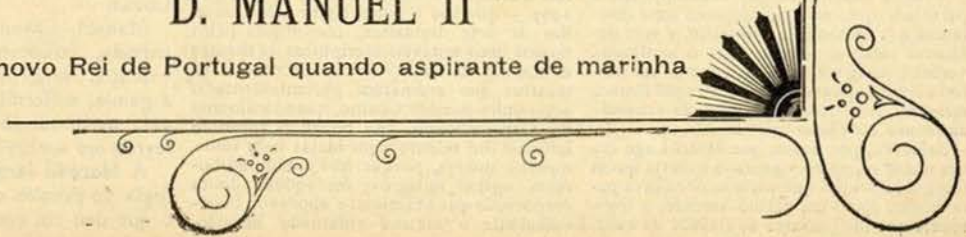
... E quando as secias e os elegantes moços envolveram curiosos, no gargalhar alegre da mocidade o joven artista, este mostrou-lhes outra pagina com o esboço da estatueta de Venus, sob os loireiros vicejantes do parque!

ASTRIGILDO CHAVES.



D. MANUEL II

O novo Rei de Portugal quando aspirante de marinha



ARTE

DE

TEATRO

Do Ex.^{mo} Sr. J. Freitas Branco, conhecido escriptor theatral, recebemos a seguinte carta que publicamos, cumprindo o nosso programma anteriormente traçado e lamentando a feição dos acontecimentos.

Alem da lealdade jornalística explica, ainda, a nossa attitude a authorização que nos concedeu o Ex.^{mo} Sr. Mario Lage para inserirmos *qualquer* carta respeitante ás suas apreciações.

Sr. Proprietario e Director do *Azulejos*.

O n.º 28 do *Azulejos* trouxe a publico uma critica assignada por Mario Lage que ha tempo, em tom dogmatico, expõe naquelle semanario as suas opiniões acerca das peças representadas na capital.

Eram assumpto dessa critica os dramas: *Honra e As duas Orphãs*, e a farça *O Faç-Tudo*, por mim traduzida livremente do inglez, para beneficio do actor Cardoso, no theatro do Gymnasio.

Entre varias necesidades e inexactidões que, alias, são vulgares nos escriptos de Mario Lage, a par da mais revoltante parcialidade, notava-se a afirmativa que: fóra *A Honra* a primeira peça de Sudermann traduzida em portuguez e representada com agrado intenso.

Não é assim. A primeira peça de Sudermann traduzida, não só em portuguez, mas até em lingua estrangeira foi *O Fim de Sodoma*, que eu aqui apresentei, ha bons 20 annos, no theatro de D. Maria com a collaboração do meu velho amigo C. de Moura Cabral.

O publico, colhido de surpresa pelos novos processos do dramaturgo allemão, ante aquellas fo. mas desusadas e certos arrojões estranhos naquelle palco, mostrou-se reservado, — quasi hostil. So alguns intellectuaes, — muito poucos, — comprehenderam as bellezas da tragedia de Sudermann, e, por consequencia, só a esses agradou.

Annos depois é que foi á scena *Honra* e, mais recentemente, *O lar paterno* (a que os estrangeiros chamam *Magda*) e *As Joazeiras de S. João*, passadas por uma versão italiana que deturpa em alguns pontos o pensamento do auctor. Um acto representado no Gymnasio, não é de Sudermann, mas *extrahido* de um conto seu, pelo fallecido e chorado D. João da Camara.

Da farça *O Faç-Tudo*, genero de theatro a que não sou também muito affecto, escreve o *sapientissimo* critico, num periodo que horra brillantemente as tradições de Galino, as seguintes textuaes palavras, censurando indigno o meu trabalho: «uma traducção livre é uma perfeita adaptação á nossa scena... o traductor quasi faz obra sua, procurando no trabalho do auctor só o entreocho nas linhas geraes.»

Esperava que elle explicasse em que consistia, então, o trabalho do adaptador e do imitador; mas Lage fechou-se.

Vamos, porem, ao que mais importa: á parte em que esse sujeito, com uma insolencia que tresanda á chinguição, e sem nenhuma relação directa com o assumpto, verbera, «a ignorancia do governo em materia artistica, nomeando o sr. Freitas Branco membro, com voto consultivo, do comité de leitura do Theatro de D. Maria.

Sabia eu, por acaso, que Maria Lage era um nome supposto; ignorava todavia quem fosse o individuo que nelle se occultava para cuspir, como um garoto sordido, o transeunte que lhe passasse ao alcance da bába.

O negocio não era de pressa. E' sempre tempo de applicar o justo correctivo a quem o merece. Esperei, portanto, que algum alheio á redacção do *Azulejos* me revellasse quem era Mario Lage. Depois de algumas suspeitas que não me satisfiziam, fui enfim informado, com absoluta certeza, de que Mario Lage é o actor Simões Coelho que, na revista *A. B. C.* segundo elle de si proprio escreve no ultimo numero do *Azulejos*, incluindo-se no limitado numero de companheiros que elogia, — *deve ser notado na dicção do operario admirador de Heliodoro Salgado.*

Ahi está explicado o exito da revista. Não obstante ser pouco susceptivel de me surpreender, mórmente no tocante a patifarias, confesso que o shir da casca de Mario Lage o actorzinho Simões Coelho, causou-me algum espanto. Conheci-o no Gymnasio, alvo de troça, a desempenhar mal papeis insignificantes, considerando-se já grande artista e futuro reformador do theatro portuguez. Na peça *Delirio do ciume*, pareceu-me que, decorridos muitos annos de estudo, poderia representar rasoavelmente papeis de caracteristico. Animei-o caridosamente. Por vezes me consultou acerca do seu trabalho e de questões de arte; por vezes me procurou, em minha casa — a ultima muito recentemente — e desabafou commigo pesares causados por injustiças recebidas, de que se queixava cheio de razão. Sempre o ouvi e acolhi com a delicadeza de homem bem educado e, — vá sem modestia, — com a bondade carinhosa que em mim encontram invariavelmente os opprimidos, os desamparados da sorte, os que se esforçam por attingir um fim honesto. E era elle, agora, que me ladrava de longe, escondido na pelle de Mario Lage! Era este actorzinho insignificante, nullo, que tinha igualmente a ousadia de amesquinhar em publico, o trabalho dos seus collegas — (perdoem se os melindro com a camaradagem) — embuscado á esquina, pondo á frente Mario Lage para o defender, e chegava ao arrojão vesânico de erguer os pesunhos para Eduardo Brazão pretendendo *apel-o (!)* «porque», diz o grotesco iconoclasta, *«os deuses também se apeiam.* E impando de ignobil petulancia reinde, ameaçando que: *vai falar da interpretação comzinha do par de Strindberg. !!*

O actorzinho Simões Coelho a derrubar idólos!

Seriam inuteis commentarios de qualquer natureza, e até ridiculos, depois de saber-se que Mario Lage é o actorzinho Simões Coelho. Reatemos, pois, o fio interrompido, e admiremos a que ponto pôde ir a ingratitude, o descaro, a má fé!

O artigo 20º do programma do concurso para a adjudicação do theatro de D. Maria II, diz o seguinte:

«Para admissão de peças, constituir-se-ha um jury de quatro membros, formado pelo commissario do governo, presidente, e por tres vogaes, um dos quaes será o adjudicatario ou um seu delegado, o outro um homem de letras de reconhecido merecimento, eleito annualmente pelo Conselho de arte dramatica, e o terceiro um dos actores do quadro ordinario da companhia, escolhido como perito»...

E o § 2º do mesmo artigo: «O terceiro vogal (o actor) será considerado como vogal tecnico, tendo apenas voto consultivo» —

Não sou commissario do governo, nem delegado da empresa adjudicataria, nem actor tecnico; é pois facil de deduzir, — e quem desejar vê-lo em documento official, leia o *Diario do Governo* de 25 de junho de 1907. — que sou o vogal eleito pelo Conselho de arte dramatica, constituído pelos nossos mais notaveis escriptores de theatro e homens de letras. Ali se encontram os mestres que ensinaram pacientemente o actorzinho Simões Coelho, quando alumnado do Conservatorio, não podendo cummodo infundir-lhe talento nem ideias nem sentimentos nobres, porque não é dado ao homem operar milagres; foi aquella douta corporação que examinou e approvou benevolmente o mesmo enfatuado hístrio,

mal cuidando que o ingrato em breve pagaria com agravos, os favores recebidos. Sim; não me repugna acreditar que o minusculo artista, o rabsicador ignaro e insolente, sabia que a minha nomeação para o jury era resultado da votação do Conselho de arte dramatica ao qual pretendia indirectamente ferir, apodando o governo de ignorante em materia artistica. Quiz, sem duvida, castigar aquella instituição pela audacia de não o eleger a elle, Simões Coelho, que, (os bons pratinhos repetem-se) «na revista *A. B. C.*, segundo affirma a sua mascara Mario Lage, se distingue na dicção do operario admirador de Heliodoro Salgado.

Tenho para mim que esse traçoeiro anthropoide abusou da confiança e da bondade de V., — arvorando insidiosamente o seu periodico, de caracter probo e puramente litterario, em vasadoiro de injurias e de mesquinhas vindictas, a que elle, Coelho, serve de cano de esgoto. Por isso creio que será muito agradável a V. o dar publicidade a estas linhas, afim de afastar qualquer suspeita (não minha) de uma connivencia aviltante para todo e qualquer homem de bem.

Antecipando os meus agradecimentos, apello para a lealdade e honestidade de V. de quem me confesso

m.^{to} att.^o ven. e cr.^o

J. de FREITAS BRANCO.

4 de junho de 1908.

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

A Associação da Imprensa Portugueza promoveu no domingo 7, na Praça do Campo Pequeno, uma corrida de touros em beneficio do seu cofre de protecção a viuvas e orphãos de jornalistas fallecidos, e, ainda que a concorrência não fosse tão grande como era de esperar pela amenidade do dia, que estava verdadeiramente convidativo, conseguiu que o lucro fosse de 929\$225 reis, segundo as contas publicadas no *Seculo* de 10 do corrente.

Deu motivo a essa falta de concorrência, não só a batalha das flores, como a Feira de Sacavem e outras festas que no mesmo dia se realisaram em Lisboa e seus arredores.

Da corrida em si não sahio o publico descontente, pois que apesar dos touros, alagados ao sr. Affonso de Souza, mas que tinham o ferro da extincta ganaderia de Correia Branco, sabirem um tanto ou quanto inferiores, os artistas e amadores que tomaram parte na lide esforçaram-se por tornalo entusiastica, o que algumas vezes conseguiram.

Assim, tivemos magnificos trabalhos pelos cavalleiros, que eram Casimiros, pae e filho, Macedo e Morgado de Covas.

Manoel Casimiro, no que abriu a corrida, collocando-se no terreno da valentia, sangrou o seu antagonista á gaiola, soffrendo uma recarga rasoavel, mettendo-lhe depois mais tres ferros em sortes luzidas.

A Macedo largaram um touro que fugia do cavallo como o diabo da cruz o que deu em resultado o sympathico

artista recolher sem conseguir empregar ferragem.

Era destinado a Morgado de Covas o 8.º que recolheu immediatamente ao touril, pois sahira lesionado. Voltou o mesmo cavalleiro á arena a lidar o 10.º em que empregou um excellente trabalho, fechando muito bem a corrida.

O 5.º da manada foi lidado por José Casimiro, e o que este novel artista fez, difficilmente pode ser excedido.

Toureado com *toas las agallas*, *derrochando* valentia e alardeando conhecimentos dignos de mestre, conseguiu José Casimiro não desmerecer do conceito em que é tido, levantando ainda mais o seu pendão, que tão bem hasteado ficára na ultima tarde em que havia toureado no Campo Pequeno. O seu trabalho foi premiado pelos espectadores com bastantes applausos.

Dos bandarilheiros ha a notar bons trabalhos de todos, e maus de alguns, mas, attendendo a que se trata d'uma festa em que todos contribuíram gentil e generosamente com o seu trabalho, não é licito apontar certas deficiências que vimos, tes como a desobediência ás ordens do director, etc.

Manoel dos Santos, Ribeiro Thomé e João d'Oliveira pegaram na muleta, salvando-se o primeiro, estando bem o segundo e não fazendo muito má figura o terceiro.

Na brega estiveram incansáveis e acertadamente toda a tarde *Maera*, Thomé e Manoel dos Santos.

A lidar 6.º touro, que fôra offerecido pela casa de Bragança, um formoso animal, mas mansissimo, appareceram na arena os distinctos amadores D. José e D. Carlos de Mascarenhas, e Eduardo Perestrello, dos quaes o primeiro, cavalleiro primoroso que outras tardes tem tido mais felizes, não conseguiu collocar senão uma farpa e um ferro curto, e os dois ultimos, empregaram alguns pares de bandarilhas depois de procurarem por todas as formas e feitios o bicho, que se *querenciou* junto ao touril d'onde quasi não arrancava.

Como se conheceu ali a falta de um capote bom!

Tambem prestaram o seu concurso á corrida os noveis amadores de Villa Franca, Francisco Rocha, Matheus Falcão e João Froes, que no 9.º empregaram alguns pares de ferros, recebendo palmas da assistencia.

Vimos na praça um grupo de moços de forçado — amadores tambem — que se retirou antes de findar a corrida, que foi muito bem dirigida pelo sr. Carlos Martins, no impedimento do sr. Jorge de Barros Lima, a quem doença de pessoa de familia, á ultima hora impediu de exercer o logar para que se tinha offerecido.

ÉMECÉ.

EPITAPHIO

Aqui jaz Thomé d'Abreu
Homem de muito saber.
Pelo que consta, morreu
Quando deixou de viver.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — *Alda M. G. P. C. d'O.*

A qualidade dominante de V.ª Ex.ª é a vaidade. Não é necessario sêr se bruxo para o saber; basta olhar para a sua carta, na qual a consulente antepõe um *Dona* ao seu nome de baptismo. Esse desvanecimento pêla propria individualidade deve têr sido a causa de bastos sorrisos ironicos que V.ª Ex.ª terá visto brincar nos róstos alheios e para os quaes nunca achou explicação plausivel. É na verdade para lamentar que esse defeito vá prejudicar algumas das bélas qualidades que V.ª Ex.ª possui, porquanto é energica, generosa e trabalhadora. Tem caracter hospitaleiro e bondoso. Será feliz no estado de casada em que se encontra mas, se continuasse amando o homem que é hoje seu marido e não casasse com êle, seria ainda mais ditosa. Não percebe? Nem eu, confesso, mas os astros dizem-no e recusam-se a explicar o caso. Terá durante a sua vida inteira uma béla reputação mercê do seu excellente comportamento.

Quero dizer: todo o bem que lhe adviêr, devel-o-ha a si propria. Nem as artes, nem as sciencias a atraírao.

Hade têr, se não a têve já, uma doença gravissima. Gostará imenso d'animaes domesticos. — É vigorosa. — A's vezes assalta-a, sem sabêr porquê, uma timidez que a atormenta.

Tem tendencia marcada para as bebidas alcoolicas e especialmente para os licôres finos e vinhos alcoolicos.

Apezar de energica, e áctiva, trabalhadora, sente-se ás vezes invadida por uma preguiça esmagadora: nessas occasiões não faz literalmente coisa alguma.

Adora as cobras ... d'oiro, em redor dos pulsos.

Consulente: — *Antonio de M. J.*

Pouco tenho a dizer-lhe. Os astros foram pouco explicitos a seu respeito.

A conjugação do seu signo com o seu planeta imprimem-lhe na vida: animo, força, generosidade e exaltação de sentimento. Com franqueza: não é mauzinho! O seu *paranatellon* (desculpe o térmo, é uma comida fina cá da Astrologia) indica que o Snr. será um grande decifradôr de charadas e congêneres bugigangas. O seu *decanio* (outro palavrão da divina Arte) estraga-lhe um pouco o arranjinho: affiança que o consulente hade sêr algumas vezes maltratado por animaes quadrupedes e muitas pêlos bipedes. Os seus rivaes hão-de estragar-lhe a porca do parafuso da Fortuna. E' o resultado da sua falta de prudencia e de sêr um bocadinho mandrião e de tendencia (pouco marcada, diga-se a verdade) para o charlatanismo.

Se se emendar destes defeitosinhos será feliz.

G. C.

DEFINIÇÕES

Passos: — Cousa que se dá e ninguem recebe.

Cara: — Deposito de beijos e bolachas.

Forca: — O mais desagradavel dos instrumentos de corda.

CURIOSIDADES

Côr artificial dos vinhos tintos.

— Reconhece-se a falsificação dos vinhos por materias corantes estranhas, enchendo com agua potavel um copo de fundo branco, de capacidade de 150 a 200 centimetros cubicos, e lançando dentro 2 a 5 grammas de vinho a analisar; se o vinho é puro, persiste a côr vermelha primitiva durante muitas horas, passando rapidamente para verde ou violeta no caso de impureza.

Pensamentos

A muito abrange o tempo se o queremos empregar bem.

O rico pensa no futuro; o pobre pensa no dia d'amanhã.

A mulher é a tecla mais afinada do grande piano do universo.

Soneto

A Francisco Araujo

Quem sabe se a paixão que sinto agora,
No peito a transformar-se n'um vulcão,
Quem sabe se essa louca aspiração,
Não vem roubar-me o sonho, vida em
fora...

Quem sabe se esse amor que me devora,
Não vem acabrumhar-me o coração?...
Quem sabe se essa louca inspiração
Me vem sugar o alento de hora em
hora?...

.....
Talvez nem seja assim!... e a idolatria
Anciosa, com fervor, com primasia
Perdure no meu ser. Santa ventura!...

Ella mantem, no entanto, algum segredo...
do...
Isso, me diz assim... com certo medo...
O seu sorriso pleno de candura!...

EDGARD AYRES

Semana Alegre

N'um exame de medicina:
O lente — O que produziu essas feridas que o cadaver tem nas costas?

O alumno — Provavelmente um caustico.
O lente — Sim, senhor. Esse homem foi meu doente e eu nas pneumonias emprego sempre o caustico. Dá muito bons resultados!

O alumno — Vê-se bem.

VARIETADES

Sonhos de laranja — Descascam-se as laranjas, cortam-se em quartos, tiram-se-lhe as sementes, polvilham-se bem com assucar, envolvendo-as depois n'uma ligeira massa de fritar. Fritam-se, em seguida, até ficarem de boa côr e servem-se depois de polvilhadas com assucar queimado com pá em braza.



O GRANDE CONCURSO DA 3.ª SERIE

Cinco premios

- 1.º — Um relógio d'ouro (Zenith).
- 2.º — Uma palmatoria de prata.
- 3.º — Uma biscoiteira.
- 4.º — Uma collecção do «Azulejos» encadernada em percallina.
- 5.º — Uma assignatura gratis para a 4.ª serie.

Condições do Concurso

1.ª — Decifrar, durante os 15 numeros da 3.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.

2.ª Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condição do concurso, augmentando-lhe o prazo, assim:

Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervalo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.

A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.

As decifrações devem ser enviadas pelo correio citando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

No proximo numero daremos as decifrações e lista dos decifradores dos numeros 35 36 e 37.

Charadas

Novissimas

Na segunda feira, fui ao Sado ler o *Seculo*-2-2.

JORGE MARTINHO CLARO

O peixe d'esta ilha tambem proclama a egualdade-2-1.

TIMIDO

O commandante olha para a planta-2-1.

CABEÇA D'AGUIA

Este insecto é divino porque tem o sobrenome de Marte-1-2.

TEACHER

Electricas

Povoação africana-2.

TIRA MITRAS & C.ª

Pensam-3.

PUMPUM

O peixe está n'este estabelecimento-2.

OJUARA

A's direitas e ás avessas está nas aves-2.

STOCK

Addicionada

Terra portugueza-2

— ra —

Lobo africano-3

BURLÃO

Reduzida

Este tributo-3

— za —

Está ao pé do charadista-2.

R. PASSOS

Paronyms

Não tem pés mas tem alcunha-3.

LITRAS

Esta armadilha é da minha parente-2.

AÇNAREPSE

Enygmas

A prima, a quarta e a quinta
Têm a segunda e a terceira,
E o todo de cinco syllabas
E' 'ma terra brasileira.

FEIJÃO FRADE

Por iniciaes

R C N V A H

2 3 1 2 1 2

UM GARIBALDINO

D M E D S A M P

1 2 1 1 3 1 1 4

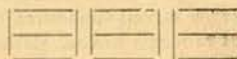
PINGOLINHAS

N S L A S Q F N

1 1 2 1 2 1 1 2

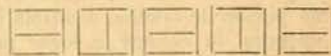
J. P.

De palitos



Tirando 4 palitos é jogo.

J. P.



Tirando 8 palitos é bom para comer.

J. P.

Artigos a decifrar 18.

Aluga-se

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clinica Geral—Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ♦♦♦♦

♦♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦♦

Rua S. Vicente á Guis, 22, 1.º

JANUARIO & MOURÃO

Ouivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRAÇA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, RUA DA PALMA, 35

Pedro Carlos Dias de Sousa

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

88 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres em todos os generos



EXPOSIÇÃO DE
LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes

GATO PRETO

R. de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)



SENHA DE
CONSULTA

As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquerda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feito do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencias para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar depréssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrega-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancêlhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consolentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS
A ESTA REDACÇÃO

A D. JULIA MENDES

IMPROVISO

VALSA LENTA

Joaquim Pedro dos Santos

PIANO

Introd. ção
muito lento

Valsa lenta

Alcôf atôô e salta